



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ASALÉA DE CAMPOS FORNERO MEDINA (2)

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Asaléa de Campos Fornero Medina [Lea Campos]

Entrevistador: Igor Chagas Monteiro

Local da entrevista: Museu do Futebol, São Paulo

Data da entrevista: 05/05/2015

Processamento da Entrevista: Igor Chagas Monteiro

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 9 páginas

Número da entrevista: E-752

Data da autorização para publicação no Repositório: 05/10/2016

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Igor Chagas Monteiro intitulada *Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em agosto de 2016.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

Sumário

Inserção e trajetória na arbitragem; Formação para a atuação na arbitragem; Atuação no futebol; Referências na arbitragem; Arbitragem e vida pessoal; Campeonatos que atuou; Momentos marcantes da carreira; Relação com a mídia; Federação Mineira de Futebol; Confederação Brasileira de Futebol (CBF); Federação Internacional de Futebol (FIFA); Homens e mulheres na arbitragem; Significado da arbitragem; Acidente que interrompeu a carreira; Legado da arbitragem.

Juiz de Fora, 5 de maio de 2015. Entrevista com Asaléa de Campos Fornero Medina a cargo do pesquisador Igor Chagas Monteiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.M. – Como era visto a mulher na arbitragem quando você iniciou sua atuação?

A.C. – Olha, pelo lado masculino eu fui muitíssimo bem recebida, a minha maior decepção foi ter as mulheres contra mim. Mas a alegação delas era tão estapafúrdia como diz o outro que não colou. Porque elas achavam, elas alegavam que o que eu queria era conseguir um jogador rico para me casar. E não era isso. O que eu pretendia e consegui era abrir uma porta, criar uma outra fonte de renda para as mulheres, abrir um novo horizonte para as mulheres. E isso, não é? E a minha luta, a minha persistência, e aí eu digo com muito orgulho, porque se não fosse eu não existiam essas outras árbitras e nem mesmo o futebol feminino existiria. Então eu digo isso com muito orgulho, embora não seja bonito se orgulhar daquilo que faz, mas eu me sinto orgulhosa de tudo o quanto eu fiz para liberar a profissão de árbitro de futebol para as mulheres e posteriormente lutei pelo futebol feminino e consegui também que fosse reconhecido e liberado para a mulher. Então eu me sinto feliz com tudo o que está acontecendo em volta do futebol feminino a nível brasileiro.

I.M. – Lea, quais foram as dificuldades que você enfrentou quando você iniciou sua atuação?

A.C. – Dificuldade propriamente dita, eu não enfrentei. Porque dos árbitros, era só eu de mulher, não é? Então os meus auxiliares tinham que ser homens forçosamente e, eu nunca tive nenhum rechaço por parte deles. A torcida me acolheu muito bem, me chamavam de “bicha”, isso sim, mas me acolheu muito bem a torcida. Os árbitros também me deram um espaço bem carinhoso no entremeio deles. Então eu não tive dificuldades, dificuldades realmente, não tive. Tive apenas que provar para as mulheres que elas estavam enganadas à meu respeito, só isso. Mas graças a Deus não tive nenhuma dificuldade em entrar e me manter como árbitra e, me fazer respeitar.

I.M. – Por quais federações você apitou? Qual foi a maior categoria que você atingiu (CBF¹, ASP-FIFA, FIFA² ou Federação Estadual)? Em qual delas se encontra atualmente?

A.C. – Eu apitei pela Federação Mineira de Futebol, autorizada pela CBD³ na época, hoje CBF. Mas eu não alcancei à CBF porque tive um acidente antes. E fui reconhecida pela FIFA em 1971 e ganhadora de um apito de ouro que me foi dado por S. Stanhouse⁴ em 1971.

I.M. – O apito de ouro é uma premiação aos árbitros pioneiros?

A.C. – Não. É uma distinção feita ao trabalho arbitral. Então a FIFA reconheceu em mim, como mulher, por ser pioneira, um avanço dentro da arbitragem. Então me outorgaram esse apito de ouro. No Brasil só existiram dois apitos de ouro até os dias de hoje, o do Armando Marques e o meu. Então é uma honra muito grande para mim ter sido premiada por S. Stanhouse em 1971 com esse troféu, para mim é um troféu esse apito de ouro.

I.M. – Lea, hoje você não tem nenhuma atuação relacionada à arbitragem, não é?

A.C. – Não, como árbitra não porque devido ao acidente que eu sofri em 1974, então eu não pude dar continuidade à minha carreira de árbitra. Mas eu dou palestras, dou aulas para crianças que querem jogar futebol, para adolescentes que querem ser árbitros ou que tem curiosidade sobre a arbitragem. Então de uma forma ou de outra eu estou sempre ligada ao esporte lá nos Estados Unidos.

I.M. – Quais pessoas você destacaria como relevantes para a consolidação da sua carreira?

A.C. – Eu cito além do Armando Marques, o Scolfaro⁵, de São Paulo, o José Astolfo, também de São Paulo, cito Agnel Faria Mozer, daqui de Belo Horizonte. Cito Joaquim Gonçalves, que já é falecido, Maurílio Santiago, também aqui de Belo Horizonte, também

¹ Confederação Brasileira de Futebol.

² Federação Internacional de Futebol.

³ Confederação Brasileira de Desportos.

⁴ Nome sujeito à confirmação.

já é falecido. Tem um uruguaio que me ajudou muito na época Juan De La Passion Artez, é um uruguaio, que foi uma pessoa que me apoiou muito. Ele era árbitro aqui, ele terminou a carreira dele aqui em Minas e hoje ele continua morando aqui em Belo Horizonte. Então foram esses os árbitros que me apoiaram, além evidentemente, do meu professor de arbitragem que era o capitão João César Júnior e também o diretor do Departamento de árbitros da Federação Mineira de Futebol na época, que era o Vinícius Fernandes. Então quer dizer, foram pessoas que me ajudaram, que me apoiaram, me deram aquela força e como diz o outro jogaram a minha bola para cima. Nunca me deixaram cair, sempre me empurrando. E dentro da imprensa eu tive Osvaldo Faria, Januário Carneiro, Emanuel Carneiro, da rádio Itatiaia daqui de Belo Horizonte. Tive o Vanucci⁶, na TV Globo, tive o Canor Simões Coelho, jornalista. Enfim eu tive muito apoio não só dentro do Conselho Arbitral a nível nacional, como também da imprensa, eu era muito apoiada pela imprensa naquela época. Então em todo lado que eu ia sempre tinha alguém da imprensa registrando o que eu estava fazendo. Então isso para mim foi muito importante porque eu consegui difundir o meu trabalho com menos dificuldade, entendeu? Então toda a minha trajetória graças a Deus, foi apoiada por aquelas pessoas que eu necessitava que me apoiassem

I.M. – Quais os principais fatos que contribuíram para isso? Por quê?

A.C. – Eu acho que os principais fatos foram o meu moral dentro de campo, não é? a imposição minha, moralmente falando, a minha seriedade como árbitra e o meu trabalho como árbitra, que graças a Deus, nas 98 partidas que eu apitei entre o Brasil e fora do Brasil, eu não tenho uma reclamação sequer, graças a Deus, de que tenha prejudicado A ou B ou que tenha marcado mal para A ou para B. Ou que eu tenha feito uma arbitragem errônea, graças a Deus, eu não participei dessa enduricácia, não tive essa dificuldade de ser taxada como uma juíza má, como uma pessoa que não estava sabendo o que estava fazendo. Graças a Deus eu fui muito apoiada e reconhecida. Mas isso sem dúvida alguma é devido à minha condição moral dentro do campo, dentro e fora de campo e a minha seriedade no trabalho que eu estava fazendo. Porque na verdade eu amava o meu trabalho, entendeu? E tudo que é feito com amor é bem feito.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁶ Nome sujeito a confirmação.

I.M. – Você teve algum (a) árbitro (a) como referência para sua atuação? Por quê?

A.C. – Armando Marques, o Armando Marques sempre foi o meu espelho. Porque foi um dos poucos árbitros brasileiros que apitou uma final de mundial, foi ele e o Arnaldo César Coelho. Se eu não me engano somente esses dois apitaram uma final de mundial de futebol. Ah, e eu quero citar também o Arnaldo, o Arnaldo também foi um grande incentivo que eu tive, me ajudou muito, me apoiou e tudo mais. Então o Armando Marques na época, era chamado no Brasil inteiro, para apitar final de campeonato. Então quer dizer, era um árbitro respeitado a nível nacional. Então quer dizer, eu me espelhei nele, sabe? Eu achava que eu conseguisse fazer pelo menos 70% do que ele fazia dentro de campo, eu estaria bem. E realmente foi o que eu procurei fazer, procurei me espelhar na carreira dele. Eu acho que eu consegui.

I.M. – Como foi para você conciliar as demandas da arbitragem com a sua vida pessoal?

A.C. – Bom, você sabe que eu sou jornalista, não é? Então eu sempre trabalhei na imprensa, a arbitragem era paralela. Então eu sempre em meus contratos, eu trabalhei na rádio mulher em São Paulo, depois trabalhei na produção do Programa do Sílvio Santos, na produção do programa do Flávio Cavalcante, trabalhei também na TV e Rádio Nacional de Brasília... Então em todos os contratos que fazia, eu deixava bem claro que quando aparecesse um jogo de futebol, eu iria apitar o meu jogo de futebol e eles aceitavam. Afinal de contas eu era a única mulher comentando arbitragem naquela época, então eles aceitavam o que eu impunha, exatamente por isso. Não era bem uma imposição, era um pedido contratual, não é? E eles aceitavam. Então eu não tive dificuldades de conciliar a minha vida particular com a minha vida profissional, mesmo a minha parte afetiva, o meu namorado sempre me apoiou e nas vezes em que podia viajava comigo com a minha mãe junto e tudo. Então quer dizer, foi uma etapa assim que eu tenho muita saudade, sabe Igor? Muita saudade dessa época, me emociona todas as vezes em que eu faço retrospecto dessa época, eu realmente me emociono.

I.M. – Quais episódios marcaram a sua carreira na arbitragem?

A.C. – Que marcaram a minha carreira, poxa vida... É difícil destacar porque cada jogo é um jogo, não é? Então é difícil a gente falar tal coisa assim, assim. Eu tive dois eventos que me marcaram dentro do campo de futebol. Foi uma vez em que eu expulsei um jogador e ele disse que não sairia, a polícia não quis me dar apoio e eu tive que apelar com o jogador e, ele acabou saindo e depois disse que eu o ameacei, que eu falei que eu iria bater nele, que não o sei o que, que não sei quanto. E quando a imprensa veio me entrevistar eu falei: “Eu não preciso de ameaçar nem de agredir nenhum jogador que eu expulso porque eu tenho a lei na minha mão! Se o jogador não sai eu simplesmente suspendo o jogo por elemento estranho no jogo e aí acaba a partida”. Então esse foi um episódio que marcou porque eu sei que a CBD na época, fez de tudo para criar problemas, para que eu desistisse ou para me desmoralizar como árbitra. E eu penso que isso foi um dos episódios criado pela própria CBD na época na tentativa de que me fizesse desistir ou que me desmoralizasse. Mas ela não conseguiu. Outro episódio foi assim, hilário, não é? Bem engraçado. Foi que eu expulsei um jogador e ele disse para mim: “Você está me expulsando para que eu tome banho mais cedo, para levá-la para jantar depois do jogo!” Quer dizer assim, às vezes estava lá no decorrer da partida, um jogo difícil para eles, para uma ou para outra equipe e aquele estado de nervos, não é? Normal dos atletas, não é? E de repente o jogador soltava lá um palavrão e outro lá gritava “Poxa cara! Controla a língua, você não vê que tem uma menina apitando o futebol?”. Quer dizer, isso são coisas que marcaram de uma forma ou outra a minha passagem pelos gramados. Mas não tive uma coisa assim com muita força, digamos, que tenha marcado a minha arbitragem, porque como eu te disse, eu sempre procurei me impor seriamente e moralmente dentro de campo. Então eu não tenho assim uma coisa que possa ter me desmoralizado, nada pelo estilo.

I.M. – Como você percebe o olhar dos outros (jogadores, torcedores, comissão técnica, comentaristas) sobre a mulher em campo no futebol profissional brasileiro?

A.C. – Na minha época quando eu entrava em campo com os meus dois auxiliares, eu quero deixar claro seguinte, não sei se feliz ou infelizmente, não sei se porque eu era atração, então eu nunca tive a oportunidade de bandeirar nenhum jogo, eu sempre fui juiz central, então eles olhavam assim com certa curiosidade. A imprensa, os próprios jogadores, comissão técnica, não é? E os torcedores também, evidentemente acham

estranho que fosse uma mulher que estivesse ali dentro daquele campo apitando uma partida de futebol. Mas não me recriminavam por isso, não. Era apenas por curiosidade.

I.M. – Em sua visão como são vistos pela mídia os erros de arbitragem cometidos por homens e mulheres? Existe alguma diferença na maneira como são retratados?

A.C. – Olha, infelizmente tanto o homem quanto a mulher se equivoca. Porque errar é humano e ninguém é perfeito. Você pode tentar ao máximo como eu procurei fazer, tentar não se envolver emocionalmente dentro do jogo para que você faça apenas o seu trabalho sem nenhum exercício passional por A ou por B, certo? Agora o que eu vejo hoje com as mulheres, algumas evidentemente, porque a Sílvia Regina⁷, por exemplo, é um marco dentro da arbitragem brasileira e internacional. Eu creio que ela sim, entendeu a minha mensagem e carrega também a minha bandeira com muito orgulho. Mas existem uma que infelizmente estão fazendo do futebol um trampolim e é isso que está destruindo a arbitragem feminina no Brasil. Haja vista, que nós não temos uma árbitra nesse campeonato mundial feminina que começa dia 6 lá no Canadá, temos uma auxiliar apenas enquanto que outros países em que o futebol é bem inferior ao nosso, existem dois, três árbitras convocadas pela FIFA. E por que isso? Porque elas colocaram seriedade na profissão. Enquanto que algumas meninas da arbitragem feminina aqui no Brasil, o que elas estão buscando é notoriedade em outras áreas, deu para me entender? Então quer dizer, esse é o enfoque que está havendo, que está destruindo a caminhada das meninas dentro da arbitragem feminina. Agora. No que se refere ao homem, aí como se diz depende do trabalho de cada um. Se você é uma pessoa reta, uma pessoa que você sabe o que quer, que você vai entrar ali para apitar um jogo de futebol, não interessa se é um time de Juiz de Fora contra um time de Belo Horizonte, ou contra um time do Rio de Janeiro, e por isso você vai ajudar Juiz de Fora? Porque você também é juizforano, não tem nada a ver. Você está ali dentro para mediar o jogo apenas, para ser o maestro de uma orquestra de 22 elementos e é isso que você tem que fazer. Você tem que mentalizar que você é um maestro e o maestro não toca nenhum instrumento, a não ser o seu apito. Quer dizer o maestro é com a sua varinha, não é? Para reger a orquestra e nós como árbitros, a nossa varinha para reger os 22 atletas é o apito.

I.M. – Lea, você teve experiência também, você falou com a Silvana⁸ lá no Museu do Futebol, com futebol de praia, não é?

A.C. – Exatamente.

I.M. – Como foram essas arbitragens no futebol de praia?

L.C. - Foi uma única vez. Que foi lá no Rio Grande do Sul na praia de Atlântida, que eu fui convidada para apitar um Gre-Nal, de praia que era realizado todos os anos. O doutor Olavo fez esse encontro durante 10 anos por conta própria dele. Então eu tive a honra de ter sido convidada também para apitar essa partida de praia. Foi a primeira e única vez que eu apitei um jogo de praia, quer dizer, me fizeram pioneira na praia no Rio Grande do Sul. Foi muito engraçado porque como eu não sabia como era o desenvolvimento do negócio, eu entrei de sandália havaianas e os meus auxiliares falaram assim: “Não vai dar para você correr de sandália não! Você vai ter que tirar. E eu tirei. Como era difícil para mim acabei com duas bolhas de sangue nos pés. Mas foi legal, mesmo assim foi legal. Foi uma experiência bem diferente, o público assim bem perto, não é? Uma coisa bem diferente, bem diferente mesmo. Mas foi um jogo que eu guardo na minha memória com muito carinho, com muito amor.

I.M. – Lea e experiências com arbitragem de futebol de salão, você teve também?

A.C. – Eu apitei alguns jogos de futebol de salão. O meu irmão jogava futebol de salão, então às vezes ele me convidava para apitar para que o time não tivesse que pagar a arbitragem, então eu ia, apitava e não cobrava porque meu irmão era um dos jogadores de uma das equipes. Então eu não cobrava a arbitragem. E isso era bom para eles porque não tinham que gastar nada com a arbitragem. Então apitei alguns jogos de futebol de salão, depois apitei também jogos em que não tinha meu irmão envolvido e apitei jogos de crianças também no futebol de salão. Mas não tive assim uma trajetória longa dentro do futebol de salão, mesmo porque o futebol de salão é bem complicado, viu? Bem complicado mesmo.

⁷ Sílvia Regina de Oliveira.

⁸ Silvana Vilodre Goellner.

I.M. – Quando você parou de arbitrar, por quê?

A.C. – Eu parei de apitar Igor, porque eu sofri um acidente em 1974 e quase perco a minha perna esquerda. Eu fiz 101 cirurgias para voltar a caminhar. Então não tive como continuar apitando futebol. E aposentadoria, na época a profissão de árbitro não era reconhecida, então eu não tive como me aposentar como árbitra, me aposentei como autônoma, porque eu sempre paguei, além de eu pagar, de eu ser cobrada dentro da rádio, o que me tocava como funcionária da rádio, então eu pagava à parte quer era para eu ter uma aposentadoria maior quando eu me desligasse do futebol. Infelizmente o governo antecessor à senhora Dilma Roussef, eu me aposentei com 8 salários mínimos e me passaram para 1 salário mínimo, o que é um absurdo, porque eu paguei pelo direito de me aposentar com 8 salários. Mas tem mais Deus a dar do que o diabo para tirar. Então não tenho problema. Eu não sei se a profissão hoje já está ou não está hoje reconhecida, eu creio que se não estiver reconhecida, se não é uma profissão reconhecida pelo Ministério do Trabalho, eu acho que vocês que estão atuando e você, por exemplo, que está começando, deve erguer essa bandeira e buscar a forma de reconhecimento da profissão. Porque afinal de contas é um trabalho. E é um trabalho que muitas vezes coloca a vida da gente em risco, sabe? Porque você viu o que aconteceu lá na Argentina, com os torcedores do Boca Juniors e os jogadores do River Plate. Então quer dizer, o mesmo risco que esses jogadores correm, nós como árbitros também corremos. Então você que está iniciando a sua carreira agora, sabe? Levanta essa bandeira, ergue essa bandeira para lutar pelo reconhecimento da profissão se ela ainda não está reconhecida. É uma forma de nós garantirmos, aí no caso garantir à vocês, um futuro tranquilo, entendeu?

I.M. – Como foi a decisão de parar de arbitrar, em função do acidente foi uma decisão difícil?

A.C. – Dificílima. Foi bastante difícil. Foi doída, eu não parei por quis, parei obrigada o que é pior. Porque quando você toma a decisão, eu não quero mais fazer tal coisa você não sente tanto. Agora quando há uma imposição extra, em que você é obrigado a não fazer mais aquilo que você tanto gosta, aí dói demais. Me doeu parar de apitar futebol. Mas não

parei porque quis, parei por imposição de um problema de saúde que tive, um problema que eu tive do acidente sofrido em 28 de fevereiro de 1974.

I.M. – Lea, você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

A.C. – Eu gostaria apenas de dizer que eu gostei muito de te conhecer, que eu vejo em você um futuro árbitro, com muita decisão, com muita responsabilidade. E eu espero que meu espírito de luta encarne em você e que você siga com a minha bandeira, como se fosse um herdeiro meu. Essa é a minha mensagem para você com todo o meu carinho e com todo o meu amor.

[FINAL DA ENTREVISTA]